

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Unidos pelo *62.000. Guesuênciel* perigo

Nada como uma ameaça comum para despertar a boa vontade mútua entre inimigos. É com o espírito de a união faz a força contra Ciro Gomes que PT e PSDB andam trocando idéias sobre como enfrentar, desde já, o candidato do PPS a fim de impedir que ele se consolide como alternativa concreta de poder na eleição de 2002.

Uma parcela da tucanagem, a que dá expediente a partir de Brasília, que até outro dia enxergava um perigoso golpista atrás de cada estrela do PT, anda conferindo ao partido a definição de "única oposição constituída", cujo projeto não tem o caráter de "aventura pura" que atribuem ao ex-companheiro Ciro.

O PT retribui o gesto e assegura ao PSDB que, pelo menos no que tange à direção partidária e sua área de influência entre os moderados, está arquivada definitivamente a palavra de ordem "Fora FHC". Seja pelo impeachment, seja pela renúncia. Trabalham, agora dizem os petistas aos tucanos, com o calendário eleitoral que só tem duas datas, eleição municipal de 2000 e eleição presidencial em 2002.

E revelam mais: Luiz Inácio Lula da Silva não será o candidato do partido à presidência e fará esta profissão de fé pública em breve.

No lugar dele, acenam, embora ainda tenuemente, com uma candidatura "mais leve" de nome Cristovam e sobrenome Buarque.

E o que garantiria, de fato, que Lula não seria candidato, já que na eleição passada a dubiedade do ser ou não ser perdurou até a última hora?

É que, na época, Lula realmente não queria, mas o partido exigia que se candidatasse com medo de não conseguir reunir na eleição votos suficientes, se não para ganhar, pelo menos para se manter na hegemonia do campo da esquerda. Desta vez parece que Lula não quer e o partido tampouco. Estariam ambos convencidos de que a figura de Lula assusta e afasta a classe média, que hoje se encanta com o canto de Ciro Gomes.

Teriam chegado à conclusão também de que gestos primários, como o convite a Antonio Carlos Magalhães para discutir a pobreza com o PT, são inúteis para denotar amplitude de ação e pensamento. Soa dúbio e recende a desorientação abrir espaço a ACM, fazer aliança com ruralista e, ao mesmo tempo, pregar a ruptura institucional. Ou o partido muda de cara e de discurso, ou realmente aqueles que consideram um aventureiro lançará mão de seu eleitorado.

O PSDB chega, por outras vias, à mesma conclusão, e eis então que tucanos e petistas se vêem envolvidos num projeto comum que inclui não apenas que cada qual cuide do seu lado, mas que os dois paralelamente tratem de construir montanhas de obstáculos no caminho de Ciro.

A fim de que não prevaleçam interpretações erradas, é bom que se diga que não está em marcha uma aliança entre PT e PSDB. O mais correto seria pensar num acordo tácito, cuja tática será aos poucos reveladas por algumas ações tendo Ciro como alvo, com o objetivo estratégico de esvaziar o ambiente favorável que existe em relação à candidatura.